

**RELAÇÕES ENTRE TEXTO E DISCURSO:
ALGUMAS REFLEXÕES**

Ernani da Silva Vargas (UEMS)
(ernanisvargas@gmail.com)

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)
chaves.adri@hotmail.com

Natalina Sierra Assêncio Costa (UEMS)
natysierra2011@hotmail.com

Maria Leda Pinto (UEMS)
marialedapinto25@gmail.com

RESUMO

Este trabalho aborda o tema texto e discurso, trazendo algumas reflexões sobre o assunto. Procuramos discorrer sobre a relação entre autor e interlocutor em meio ao processo de comunicação existente entre texto e discurso. A transformação linguística desses eixos é apresentada, no intuito de se verificar o quão abrangente ela é. O contexto também é estudado, por se fazer necessário para as duas questões, assim como analisa-se a influência direta do conhecimento de mundo do leitor para a formação de sentido. Aborda-se também o entrelaçamento discursivo e textual, verificando a formação do discurso dentro do texto, trazendo a intencionalidade do autor vinculado à compreensão ou interpretação do interlocutor, participante ativo no processo comunicativo.

Palavras-chave: Texto. Discurso. Contexto.

1. Introdução

A necessidade de se comunicar sempre fez parte dos seres humanos. Não importa o grupo em que alguém está inserido ou o local onde reside, está sempre presente formando as relações sociais. Por ser de tamanho alcance, o estudo sobre texto e discurso necessita de uma maior atenção, por se tratar de um assunto presente em mídias de qualquer espécie e em situações relacionais comuns no dia a dia. Todos têm algo a dizer para alguém, e é por isso que esse artigo se faz necessário.

O reconhecimento da delimitação das áreas linguísticas nos faz compreender que esse assunto não se esgotará no presente trabalho, por ser a língua sempre mutável, adaptando-se aos seres humanos em geral. As pessoas se utilizam naturalmente do discurso o tempo todo: ao se comunicar em locais públicos, em suas casas, em encontros casuais, em redes sociais, entre outros, e em cada situação, fazem uso da discursividade

pertinente àquela determinada ocasião. Na relação textual e discursiva não é diferente, seja na esfera oral ou escrita, pois requer percepção do contexto em que está inserida, verificando os recursos linguísticos possíveis de se lançar mão.

As relações sociais são construídas, dentre outros aspectos, por meio de textos e discursos, e por isso este trabalho é realizado, no intuito de se conhecer o funcionamento dessa relação linguística e de que forma as vidas das pessoas são afetadas por dela. Dessa perspectiva, este artigo tem por objetivo abordar o tema texto e discurso, trazendo nossas primeiras reflexões sobre o assunto.

Língua e linguagem são estudadas nesse artigo, com foco na formação textual através dos tempos para a manifestação de discursos em esferas diversas, ligando os seres humanos por meio da comunicação. Evidencia a necessidade de compreensão da relação entre autor e interlocutor, reconhecendo que as bases dos atos linguísticos se fundamentam na ligação entre as partes.

2. A conceituação de texto e discurso

Antes de compreendermos a relação entre texto e discurso, é preciso conceituá-los. Siegfried J. Schmidt (1978) define texto como:

[...] qualquer expressão de um conjunto linguístico numa atividade de comunicação – no âmbito de um jogo de atuação comunicativa – temática orientado e preenchendo uma função comunicativa reconhecível, ou seja, realizando um potencial ilocucionário reconhecível. (SCHMIDT, 1978, p. 170)

No *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (2010) há a seguinte definição: "**Texto** *sm.* ‘as próprias palavras de um autor, livro ou escrito’/ XIV *texto* XIV / Do lat. *Textum* -i ‘entrelaçamento, tecido’ ‘contextura (duma obra)’.

Já quanto a discurso afirma que:

discur-sar, -ivo -o → DISCORRER. **discorrer** *vb.* ‘percorrer, atravessar’ ‘tratar, expor, analisar’ 1572. Do lat. *Discurrere*, de *currere* // **discursar** XVI // **discursivo** 1813// **discurso** XVI. Do lat. *Discursos* -us, de *discursum*, supino de *discurrere*.

Podemos definir o texto como unidade linguística concreta, percebida pela audição (na fala) ou pela visão (na escrita), que possui um sentido e apresenta uma intenção comunicativa. Como exemplos temos uma música, um poema, uma carta, uma charge, etc. O discurso pode ser

compreendido como atividade comunicativa, constituída de texto e contexto discursivo (interlocutores, finalidade, contexto, etc.).

De acordo com o *Dicionário Etimológico* (2016), texto está relacionado à palavra *tecido*, referindo-se à forma como ele se organiza, trazendo consigo um sentido e um contexto em que está inserido. Também discurso é conceituado como ‘discorrer’, ou seja, praticar uma análise sobre determinado assunto. Os dois não são a mesma coisa. Mas a verdade é que um depende do outro, contribuindo mutuamente para que a aplicação de ambos gere o efeito desejado tanto a interlocutores quanto a quem se comunica.

3. A relação texto e discurso

O texto é um todo organizado para a comunicação. Desse modo, podemos entender o texto como a materialidade do discurso. Já discurso é uma atividade comunicativa manifestada por meio de textos. O discurso, no caso de texto linguístico, é a palavra em movimento, é o lugar da construção dos sentidos do texto. Uma mesma palavra empregada em diferentes tipos de discurso terá sua significação dependente do tipo de assunto e da formação ideológica do discurso. O discurso materializa o modo de ver o mundo das diferentes classes sociais, com seus interesses e objetivos, que são manifestados por meio da escolha de seus vocábulos e estrutura gramatical, que formam a maneira de uma determinada classe social pensar, em um determinado tempo e espaço. Dito de outra maneira, o texto é a representação da linguagem.

Nota-se que a linguagem, por toda a sua complexidade, demonstra aspectos diversos, se adaptando em toda e qualquer relação humana. Ela existe para suprir as necessidades sociais de se comunicar seja qual for o âmbito, manifestando o pensamento de qualquer que queira transmitir sua intencionalidade textual. Por ser inata ao ser humano, a linguagem é construída ao longo dos tempos, derivando a situação comunicativa em que está inserido o manifestante e sendo percebida como um fenômeno não-estático, mas que se transforma constantemente. A linguagem humana é “um fenômeno externo ao indivíduo, um sistema de hábitos gerados como resposta a estímulos e fixado pela repetição”. (MARTELOTTA, 2012, p. 128)

Conforme já citado anteriormente, o homem faz uso da comunicação todo o tempo, utilizando-a em suas relações interpessoais, perce-

bendo a realidade linguística a que pertence. Não importa a condição econômica, posição social ou grau de instrução, todo ser humano faz uso da língua e é nisso que se inclui o estudo de toda e qualquer linguagem construída e realizada, trazendo consigo os benefícios para que sejam construídas as manifestações linguísticas.

Dessa forma, a sociedade é constituída e baseada na linguagem, firmando-se por meio dela. Outra contribuição relevante trazida pela linguagem é que ela se constitui como instrumento de análise da sociedade, visto que ambas nutriam algumas características que as aproximavam, tais como: “são realidades inconscientes, representam a natureza, são sempre herdadas e não podem ser abolidas pela vontade do homem” (ALKMIM, 2001, p. 27). Vê-se que as interações humanas revelam a cultura em que estão inseridas e isso nos possibilita estudar a sociedade em que se vive.

Nas tentativas feitas para realizar a análise da linguística e seus fundamentos relacionais, a análise transfrástica, por exemplo, não obteve sucesso. A princípio, a análise transfrástica servia para explicar determinados aspectos da frase, mas o fazia recorrendo apenas a ela mesma, não levando em conta o contexto. Para a análise transfrástica, “o texto era conceituado como uma sequência ou combinação de frases, cuja unidade e coerência seria obtida através da reiteração dos mesmos referentes ou do uso de elementos de relação entre segmentos maiores ou menores de texto” (KOCH, 2002, p. 23). O contexto precisa ser levado em consideração para se compreender ou interpretar o sentido em que estão inseridas determinadas sentenças.

Portanto, o contexto é importante para se explicar fenômenos linguísticos, e, claro, a relação entre texto e discurso. O comunicador deve estar atento todo tempo ao contexto em que pretende interagir, verificando qual é o seu interlocutor para fazer uso do texto devido e realizando o discurso que se aplica naquela situação. Também requer um bom uso de elementos da Língua Portuguesa, como a “coesão” e a “coerência”, sendo a primeira “um conjunto de estratégias de sequencialização responsáveis pelas ligações linguísticas relevantes entre os constituintes articulados no texto que podem ocorrer tanto no nível semântico, [...] como no nível sintático”. (OLIVEIRA, 2012, p. 195). E a segunda “diz respeito à construção de sentido textual, seja na perspectiva de produção pelo locutor, seja na recepção da codificação linguística pelo interlocutor”. (OLIVEIRA, 2012, p. 200). O sentido desejado por aquele que emite a mensagem nem sempre é o mesmo que o compreendido por quem a recebeu, por is-

so, ambos agem como interlocutores.

4. A importância da condição do leitor na produção do texto e do discurso

Segundo Mikhail Bakhtin (1981, p. 94), a comunicação é dialógica e intertextual, ou seja, os interlocutores nunca estão sozinhos, quando do processo enunciativo. Para ele, nenhum discurso é original; toda palavra é uma resposta à palavra do outro. E é nesse contexto que se situam as variadas possibilidades de criação e recriação da linguagem. Há a necessidade de interação do leitor com a proposta comunicativa, com a forma linguística apresentada em forma de texto e discurso, finalizando e completando o processo funcional de determinado ato relacional da língua.

Independentemente da comunicação ser verbal ou escrita, quem dirige a palavra deve saber que o que está realizado ali é um “diálogo”, ainda que não seja simultâneo, mas em que se nota-se a presença de pelo menos dois participantes da relação comunicativa. Mikhail Bakhtin (1981, p. 94) apresenta esse conceito de diálogo onde se enfatiza a linguagem, no princípio do interdiscurso, pelo diálogo entre os diferentes discursos, e o da alteridade estabelecida pela interação entre o “eu” e o “outro”.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido mais amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN 1981, p. 123)

Na relação entre texto e discurso, é imprescindível que haja o conhecimento de mundo por parte do interlocutor, caso contrário, a discursividade do texto pode não ter o efeito pretendido. O sujeito leitor, em seu diálogo com o texto, demonstra seu conhecimento linguístico, suas ideias, opiniões, seus interesses, seu conhecimento prévio de mundo para que isso tudo determine sua leitura em dado momento. Ângela Kleiman (2000) esclarece essa relação:

[...] A ativação do conhecimento prévio é, então, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer inferências necessárias para relacionar diferentes partes discretas do texto num todo coerente. Este tipo de inferência, que se dá como decorrência do conhecimento de mundo e que é motivado pelos itens lexicais no texto, é um pro-

cesso inconsciente do leitor proficiente. (KLEIMAN, 2000, p. 25)

Roland Barthes (1973) inferia que, além dos significados já conhecidos pelo leitor, outros trajetos de leitura deveriam acontecer para que novos surgissem, fazendo com que quem o lesse, se tornasse em outro autor. Nesse sentido, ele afirma que, “[...] o texto me escolheu, através de toda uma disposição de telas invisíveis, de chicanas seletivas: o vocabulário, as referências, a legibilidade”. (BARTHES, 1973, p. 38)

Com isso, ao se produzir um texto, deve-se ter claramente a quem se quer atingir, para quem estou falando e de forma devo falar, pois não se sabe como alguém pode analisar o que foi dito. O discurso deve ser cuidadoso em trazer as informações e relatos, sempre evidenciando o que pode ser compreendido. Aquele que lê ou ouve o texto e o discurso apresentados pode ser alguém que não possui determinada interação com o tema ou por ser de uma linguagem utilizada inapropriada. É claro que a responsabilidade do leitor faz a diferença. A interpretação, consciência e olhar do leitor deverão entrar ativamente no processo para que esse texto tenha um efeito maior. Roland Barthes (1973) afirma:

[...] um tecido sempre tomado por um produto, um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido, nós acentuamos agora no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido nesse sentido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia. (BARTHES, 1973, p. 82)

O contexto histórico/cultural deve ser levado em consideração ao se produzir determinado texto e discurso. Há uma relação íntima entre a produção intencional do autor e o conhecimento prévio linguístico do leitor. O discurso deve ser adequado de acordo com o contexto, buscando uma compreensão devida do interlocutor, interagindo nesta situação comunicativa. Ângela Kleiman (1996) diz:

[...] perceber a estrutura do texto é chegar até o esqueleto, que, basicamente, é o mesmo para cada tipo textual. Processar o texto é perceber o exterior, as diferenças individuais superficiais; perceber a intenção, ou melhor, atribuir uma intenção ao autor, é chegar ao íntimo, à personalidade, através da interação. (KLEIMAN, 1996, p. 92)

Um assunto poderá possibilitar duas ou mais visões. A intencionalidade discursiva é que faz a todo diferencial, pois a concepção do que é dado no texto pode ser mais bem definida quando o autor faz um melhor uso dos recursos linguísticos que lhe estão disponíveis. Para Ângela Kleiman (2000, p. 25), “[...] essencial à compreensão é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer as inferências ne-

cessárias para relacionar diferentes partes do texto num todo coerente”. Já para Juracy Assmann Saraiva (2001), o leitor “[...] faz o texto falar e, embora esse estabeleça limites às possibilidades interpretativas, é o leitor quem o reconstitui, vinculando as significações à sua condição de sujeito histórico e culturalmente determinadas”. (SARAIVA, 2001, p. 2)

Também na relação entre texto e discurso, significante e significado são levados em conta, quando a intertextualidade e a interdiscursividade se intensificam no decorrer da prática textual e discursiva e o interlocutor transforma todas essas informações dentro do que possui sobre o assunto que está sendo tratado. Essa presença de vários textos dentro de um mesmo texto enriquece o discurso, facilitando o que é apresentado ao leitor. Para Mikhail Bakhtin (1981, p. 41):

[...] a literatura não é produzida como objeto de estudo estanque, imanente e cristalizado, mas, sim, como constante diálogo entre textos e culturas, constituindo-se a partir de permanentes processos de retomadas, empréstimos e trocas. Ao estudar o romance do século XX, esse autor apresenta a noção de diálogo – diálogo ao mesmo tempo interno e externo à obra, que estabelece relações com as diferentes vozes internas e com os diferentes textos sociais.

Como se vê, o texto e o discurso chegam ao seu interlocutor se o discurso for eficiente, e com habilidade, pode-se, então, produzir resultados impressionantes, dependendo do uso dos recursos linguísticos devidamente. Jean Paul Sartre (1948), em relação a isso, diz que “[...] esperanças, temores, hábitos de sensibilidade, da imaginação e até mesmo da percepção; enfim, aos costumes e valores recebidos, a todo um mundo que o autor e leitor têm em comum”. (SARTRE, 1948, p. 59)

O efeito plurissignificativo é relativamente normal, pois depende da concepção do interlocutor. Um texto não é produzido em vão, ele possui intencionalidades, requer habilidades e a discursividade presente demonstra a pretensão daquele que escreve. Muitos discutem que o texto não pode ter opiniões e pontos de vista, mas a verdade é que nenhum texto é isento, e mesmo que o autor não queira, os traços deixados são sempre resultados de quem o lê. Para Isabel Solé, “[...] o leitor é um sujeito que processa o texto e lhe proporciona seus conhecimentos, experiências e esquemas prévios”. (1998, p. 18)

Os recursos linguísticos presentes no texto devem ser compreendidos devidamente pelo leitor, que entende a intenção discursiva presente. Ao conseguir esse entendimento, alcança-se o que é pretendido, pois os objetivos textual e linguístico obtiveram êxito por alcançar a interpretação do leitor/ouvinte. Segundo Isabel Solé, o leitor necessita “[...] do-

minar as habilidades de decodificação e aprender as distintas estratégias que levam à compreensão. [...] Também se supõe seja um processador ativo do texto”. (SOLÉ, 1998, p. 24). O leitor pode formar um novo sentido por meio de uma interpretação baseada em seu conhecimento de mundo.

Hoje, o texto passou por transformações por ser definido como a materialização do discurso, possibilitando à linguagem alcançar diversos patamares por romper barreiras. O que se vê atualmente é a preocupação de que haja a expansão dos limites para texto e discurso. Há a ousadia de se atingir o maior número possível de leitores, e para isso é preciso a competência linguística por parte do autor e também, concomitantemente, a capacitação do leitor em compreender o que lhe é fornecido. Para Maria José Rodríguez Faria Coracini (1985, p. 14), “[...] o bom leitor é aquele que é capaz de percorrer as marcas deixadas pelo autor para chegar à formulação de suas ideias e intenções”.

5. A transformação da relação entre texto e discurso

O texto e o discurso se deslocaram de forma significativa por meio dos últimos tempos. Essa alteração de cenário deve acompanhar as pessoas, que também sofrem mudanças pelas concepções de mundo absorvidas por elas. A expressividade da relação textual e discursiva ganha contornos mais inclusivos, buscando todos os públicos, por verificar a necessidade de todos em se comunicar. A língua, como fenômeno estudado, é estudada em seu todo para que as abordagens e conceitos analisem o objeto, trazendo à tona os dados da linguagem. O que se deve ter em mente é o princípio dos estudos de linguística até chegar aos dias de hoje.

A matéria da linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressão. (SAUSSURE, 2006, p. 13)

Ferdinand de Saussure (2006) também trouxe a primeira definição de língua, delimitando a diferença entre ela e a linguagem:

[...] ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (SAUSSURE, 2006, p. 16)

A complexidade da língua se dá devido às inúmeras situações em que é manifestada, atendendo a cenários diversos, contextos sociais ou tipo de pessoa. Ela se estende por todas as esferas, trazendo consigo os detalhes de determinada cultura e a forma como se organiza nos grupos linguísticos espalhados pelo mundo. Enfim, o texto e o discurso vão muito além da escrita e da oralidade, simplesmente, podendo ser subjetivos em tantas situações comunicativas.

A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc. etc. Ela é apenas o principal desses sistemas. (SAUSSURE, 2006, p. 24)

Retomando a definição de texto, verifica-se sua função em determinada circunstância e sua utilidade nas relações sociais. É um recurso que pode ser implícito ou explícito, revelando o sentido pretendido em certa situação comunicativa. O texto e o discurso revelam-se como necessários em todo o tempo, formando cidadãos e expressando a linguagem presente em comunidades diversas.

[...] o conceito de texto se refere a uma unidade linguística de sentido e de forma, falada ou escrita, de extensão variável, dotada de textualidade, ou seja, de um conjunto de propriedades que lhe conferem a condição de ser compreendido pela comunidade linguística como um texto. Assim podemos dizer que o texto é a unidade comunicativa básica, aquilo que as pessoas têm a declarar umas às outras. Essa declaração pode ser um pedido, um relato, uma opinião, uma prece, enfim, as mais diversas formas de comunicação. (OLIVEIRA, 2012, p. 193)

Na década de 60, devido às questões sociológicas, históricas e filológicas que surgiam, a “escola francesa de análise do discurso” nasce no intuito de trazer uma abordagem interdisciplinar, mas que vem imbuída de influências da linguística, da psicanálise e do materialismo histórico, buscando formular uma abordagem discursiva dos processos ideológicos. Helena Hathsue Nagamine Brandão (2002) afirma que:

Pêcheux (1977) desenvolve uma crítica marxista da concepção foucaultiana do discurso, considerada do ponto de vista da categoria da contradição e conclui sobre a necessidade “de uma apropriação do que o trabalho de Foucault contém de materialista”. É justamente visando a uma articulação entre a concepção de discurso de Foucault e uma teoria materialista do discurso que Pêcheux e Fuchs (1975) preconizam um quadro epistemológico geral da análise do discurso que englobe três regiões do conhecimento: 1) o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e suas transformações; 2) a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; 3) a teoria do discurso, como a teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Ainda quanto a isso, passa a se rever a questão da linguística que inclui texto e discurso, verificando novos conceitos referentes às intenções presentes na comunicação. Um novo caminho é trilhado com o objetivo de compreender as questões linguísticas existentes. É feita uma confrontação de texto, analisando automaticamente o discurso. Uma das críticas da época, Maria José Rodríguez Faria Coracini (2007, p. 34) afirma que “Pêcheux mostrou-se – e se mostra pelos textos que deixou – um filósofo disposto a se autocriticar e a rever suas propostas teórico-metodológicas”.

Nesse instante, tem-se a apresentação do conceito dos estudos da análise do discurso, caracterizada por ser “o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado” (MAINGUENEAU, 1997). Os fenômenos linguísticos são vistos de uma forma mais abrangente e não mais tão estáticos como eram. É verificada a necessidade de estudar a língua não somente pelos aspectos gramaticais, mas fazer a associação dela ao seu aspecto linguístico, e aos seus elementos históricos, sociais, culturais e ideológicos.

O “discurso”, que é “efeito de sentido entre interlocutores” (ORLANDI, 2001, p. 21), se caracteriza como uma atividade que não é somente linguística, mas sócio-histórica. Por isso, o “discurso” não poderá ser confundido com o texto, devido ao discurso ser materializado por meio desses textos, independente de serem orais ou escritos e estando de acordo com as diferentes esferas de atuação dos sujeitos, se caracterizam como produto sócio histórico desse processo.

Portanto, ao falarmos de discurso, devido aos estudos linguísticos, há um deslocamento de sentido, que, antes, era compreendido estar presente apenas na língua, mas que agora constitui o sujeito como de fundamental importância no processo de comunicação. Esse “sujeito” deve ser compreendido como aquele formado ideologicamente em sua realidade social. A esse respeito, Maria José Rodríguez Faria Coracini (2007) diz:

Como consequência do funcionamento da ideologia, que atua no inconsciente coletivo, ocorre o assujeitamento do sujeito que, interpelado como sujeito ideológico, percebe-se, ilusoriamente, no exercício de sua livre vontade, conduzido, sem saber, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das classes sociais antagonistas do modo de produção, o que é assegurado pelo que Althusser (1970) denominou “aparelhos ideológicos do Estado”. O embate de forças em confronto na conjuntura característica de uma dada formação social em um dado momento constitui a formação ideológica. (CORACINI, 2007, p. 165)

A relação entre texto e discurso compreende vários aspectos intrínsecos em um e em outro, mas que cada uma continua exercendo sua função específica. Ao falarmos do texto, observado dentro do discurso, compreendemos que é por meio do primeiro que o segundo se manifesta, porém, para a análise do discurso, o texto tem uma complexidade muito maior.

Quando pensamos o texto pensamos: em sua materialidade (com sua forma, suas marcas e seus vestígios); como sua historicidade significante e significada (e não como “documento” ou “ilustração”); como parte da relação mais complexa e não coincidente entre memória/discurso/texto; como unidade de análise que mostra acentuadamente a importância de se ter à disposição um dispositivo analítico, compatível com a natureza dessa unidade. (ORLANDI, 2008, p. 12)

Analisando por meio da análise do discurso, o que o autor “quis dizer” já não basta, pois, como já foi dito, o “sujeito” deve perceber a intencionalidade discursiva do autor e, para isso, o conhecimento de mundo por parte do interlocutor é base fundamental na construção tanto de texto quanto de discurso. Nessa construção, deve haver o respeito à formação ideológica, política, social e intelectual com quem se está mantendo a comunicação. Tudo isso é possível quando elementos de textualidade são usados devidamente conforme a situação cotidiana encontrada. Não basta apenas querer dizer, há de se saber a quem dizer e de que forma falar. A materialidade do texto se constitui ao formar o discurso objetivando chegar ao receptor da mensagem de maneira perfeita, sem interpretações incorretas.

A análise do discurso é a disciplina que vem ocupar o lugar dessa necessidade teórica, trabalhando a opacidade do texto e vendo nessa opacidade a presença do político, do simbólico, do ideológico, o próprio fato do funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique. (ORLANDI, 2008, p. 21)

Enquanto na linguística textual se estuda a estruturação, organização e elementos de textualidade presentes na intenção de atingir a compreensão e interpretação do texto, a análise do discurso não é assim, é realizada de maneira diferente, pois ela “ocupa [...] esse lugar em que se reconhece a impossibilidade de um acesso direto ao sentido e que tem como característica considerar a interpretação como objeto de reflexão”. (ORLANDI, 2008, p. 21)

6. Considerações finais

A língua é infinita, e sua vasta complexidade faz com que estudá-la seja um desafio, em qualquer aspecto que se apresente. A transformação que ela permite sofrer através dos tempos traz interesses de tantos estudiosos para pesquisar fenômenos linguísticos de toda e qualquer espécie, e mesmo assim em nenhum momento se encerram os dados. As constatações são de que a cada vez que alguma informação nova vem à tona vemos que precisamos conhecê-la em maior intensidade.

Essa infinidade de áreas presentes na língua demonstra que é necessária a escolha de um determinado aspecto para tentar compreendê-lo. Por isso, quando falamos que texto e discurso são áreas afins, porém distintas, é preciso um olhar mais aprofundado e cuidado para penetrar em conhecimentos mais específicos relacionados a esses assuntos. O que se percebeu por meio deste artigo é que um trabalha juntamente com o outro, completando funções e sentidos, trazendo percepções necessárias para compreensão dessa área de comunicação da língua.

O texto tem ganhado realces através dos anos, demonstrando uma nova funcionalidade, formando uma nova rede de sentidos que permeiam áreas dentro da gramática, seja na semântica, na fonética, na sintaxe ou na morfologia. Não basta conhecer palavras apenas, mas a dinamicidade textual presente em determinados canais de comunicação. Seja qual for o lugar ou a situação, o texto atual é mais cuidadoso, preocupado e atento ao que está acontecendo na transformação da língua. Autores têm mudado suas visões a respeito de aspectos sociais, ideológicos e políticos, observando a quem, por que e de que forma se escreve.

O discurso, que se materializa no texto, traz consigo toda a expressão do autor, que busca fazer com que o interlocutor esteja dentro do contexto apresentado, compreendendo a ideia e pretensão presentes na elaboração discursiva. A ciência da língua nos permite esse aprofundamento na compreensão da ligação entre os elementos discursivos para produzir sentido. Os tipos de discursos que se construíram através dos tempos demonstram o quanto os linguistas têm tido trabalho para analisar os fenômenos presentes nas questões sócio históricas.

Um assunto não pode ser deixado de lado ao se falar de texto e discurso: contexto. Uma única frase ou mesmo uma palavra podem assumir sentidos diferentes, dependendo do lugar em que é colocada e a quem se dirige. Por isso, há tanto cuidado ao se elaborar textos e discursos por parte de produtores textuais, procurando ser bem compreendido.

No entanto, devido ao alto nível de analfabetismo funcional, muitas vezes há grande confusão em se saber em quê aquela fala está contextualizada. Com toda a pluralidade de significações, o contexto é determinante para uma comunicação efetiva, e o leitor deve estar atento a isso.

A língua, por não ser estática, mas dinâmica, requer atenção nos estudos referentes a ela. Ela compreende os âmbitos da comunicação e o homem, por mais indouto que seja, faz uso dela para interagir com o meio, e o objeto de estudo nesse trabalho compreende esses detalhes. Aqueles que têm feito bom uso do texto e do discurso sabem bem os efeitos que eles possuem, devido ao impacto da linguagem nas relações sociais. Quando se avança nesse sentido, buscando compreender a funcionalidade de todo processo envolvendo as práticas textuais e discursivas, obtém-se uma prática competente no uso da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, vol. 1, p. 21-47.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 8. ed. Campinas: UNICAMP, 2002.

CORACINI, Maria José Rodríguez Faria. (Org.). *O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira*. Campinas: Pontes, 1985.

_____. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

DICIONÁRIO etimológico. Tecido. Disponível em: <<http://www.dicionarioetimologico.com.br/tecido>>. Acesso em: 16-10-2016.

- KLEIMAN, Ângela. *Leitura: ensino e pesquisa*. São Paulo: Pontes, 1996.
- _____. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 2000.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad.: Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- OLIVEIRA, Mariângela Rios de. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.
- _____. *Linguística textual*. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2008.
- SARAIVA, Juracy Assmann. *Leitura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- SARTRE, Jean Paul. *Que é a literatura*. São Paulo: Ática, 1948.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Orgs.: Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SCHMIDT, Siegfried J. *Texttheorie. Problem der sprachlichen Kommunikation*. München: Wilhelm Fink, 1973.
- SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed, 1998.